



Mestre Paulo Albuquerque

Fundador da organização Kombat, Analista de sistemas, graduado em diversas artes marciais, sendo o mais graduado praticante de Kali do Brasil, único formado pelo campeão mundial Greg Alland, e único dos alunos deste mestre fora dos EUA a estar autorizado a utilizar o nome Sina Tirsia Walli. Mestre Paulo Albuquerque é responsável pelo treinamento dos guarda-costas das maiores celebridades da TV Globo (RJ) e por diversos grupos da Marinha do Brasil, tendo ensinado sua técnica e filosofia inclusive no Curso de Especialização de Guerra Anfíbia, Batalhão Riachuelo, Batalhão Humaitá, no Primeiro Curso de Segurança para embaixadas e Companhia de Polícia do Batalhão Naval. Na polícia, lecionou também na ESPM (Escola Superior da Polícia Militar), Batalhão de Choque do Rio de Janeiro e para diversos Marines dos EUA, para quem trabalhou em 1995. A Kombat já está em diversas outras organizações de todo o Brasil, através da sua equipe de professores e instrutores, como a Procuradoria Geral da República, Polícia Federal de Belo Horizonte, Polícia do Binfa (Batalhão de Infantaria da Aeronáutica), CTTE (Centro de Treinamento Tático, em Porto Alegre) entre outros. Em 2006 o Kombat chegou à Itália, e em 2008 chegará à França.



Kombato

Um sistema de defesa pessoal adaptado para a nossa realidade

Para o assíduo leitor da Fighter Magazine, mestre Paulo Albuquerque dispensa apresentações, todavia para quem ainda não o conhece e, por consequência não avaliou seu trabalho, segue uma entrevista detalhada, na qual pode-se saber muito deste ícone do segmento de defesa pessoal e seu sistema internacionalmente conhecido.

F.M.: Fighter Magazine: Caro Mestre Paulo, depois de fazer diversas artes marciais, por que o senhor resolveu desenvolver mais uma?

P.A.: Bem, de fato, não vejo o Kombat como arte marcial, até mesmo porque o sentido de arte marcial é “arte da guerra”. E guerrear, no sentido militar, bélico é apenas uma etapa do Kombat. Nós desenvolvemos soluções para cada cenário de violência, e nem sempre estas soluções estão relacionadas a conflitos

físicos. Por exemplo: nosso trabalho de conscientização da violência, negociação, diplomacia passiva e ativa, técnicas de fuga são elementos estranhos a maioria das artes marciais, mas são indispensáveis para sobreviver aos dias de hoje, principalmente em grandes centros urbanos, nos quais a violência cresce dia a dia, em todas as suas formas. Desde o início o aluno aprende a evitar os conflitos, e a avaliar os riscos.

Infelizmente, nenhuma das artes marciais que eu pratiquei durante minha vida me ensinou estas coisas, além de, é claro, me ensinar normas que não apenas não podem ser aplicadas aos dias de hoje, mas algumas são o oposto do que nossas leis permitem.

De fato, eu comecei a praticar artes marciais aos 8 anos por timidez, o que me ajudou muito a superar. Mas aos 10, infelizmente - ou felizmente, para quem pode aprender Kombat hoje, - conheci, nas ruas do Rio de Janeiro, o sentido da palavra violência. E percebi que um garoto de 10 anos, sabendo ou não arte marcial, dificilmente poderia se defender de um adulto. Até hoje isso é uma preocupação para mim, pois é preciso ensinar os limites a uma criança, porém conscientizá-la da violência - e apresentar soluções para ela, o que não é nada fácil, tanto pelas limitações físicas das crianças, quanto pelas razões psicológicas.

Por todas estas razões, eu preferiria chamar o Kombat de sistema ou mesmo método.

F.M.: Estamos acostumados a aprender artes marciais e importá-las de outros países, principalmente do Oriente. O que significa desenvolver um método? Como é esse processo?

P.A.: A maioria das artes marciais se desenvolveu em eventos históricos, ou uma evolução de eventos; guerra entre países etc. Algumas destas artes, depois de ter perdido boa parte do uso prático, passaram a se tornar esportes de competição ou apenas atividades com fundo folclórico. Em alguns casos até mesmo atividades de fundo religioso, o que não tem relação direta com guerras. Ninguém, nos dias de hoje, andaria com uma espada ou lança, por exemplo. Daí estas artes perderam boa parte da razão. Além disso, muitas destas artes tinham como objetivo apenas matar ou morrer. Nos dias de hoje, no Brasil, a violência é diferente. Primeiramente, que mesmo que não possamos carregar armas, nossos alvos - “os vilões” - carregam. Logo, temos que saber evitar os conflitos e detectá-los o mais cedo possível. Nem sempre é um caso de vida ou morte, como no caso de uma briga entre duas ou três pessoas desarmadas. E sempre que se puder evitar o confronto, melhor. O que eu costumo sempre dizer e que também é a frase que abre meu primeiro livro é: “A melhor defesa é não estar lá”. Todo o cenário, “regras do jogo” são diferentes do Brasil de hoje, para qualquer país, de 50 anos para trás - cem ou duzentos anos para trás, então, nem se fala. Todo o contexto e leis são diferentes. Não

adianta tentar colocar um parafuso com um martelo, deve-se usar uma chave de fenda. A ferramenta certa para o problema certo.

F.M.: Como é esse processo de desenvolver um método?

P.A.: Bem, antes de tudo temos que ter os problemas nas mãos. Muitas vezes as técnicas são físicas, em outros casos são erros de percepção. Vou citar um exemplo de como treinamos as técnicas físicas. Primeiramente pensamos em uma situação. Vamos cogitar algo simples, corriqueiro: Alguém lhe dá um chute nos testículos. É uma coisa comum, pode acontecer com qualquer um, em qualquer lugar, logo, é um bom exemplo. Primeiro, colocamos todos os alunos para aprender a fazer o ataque - no caso, o chute. Depois testamos todas as defesas de artes marciais que conhecemos. Depois de tudo bem treinado (o que pode levar dias), fazemos as estatísticas, contra ataques feitos de forma aleatória, e em combates; e depois acrescentamos alguns detalhes aos testes, que são “segredo de estado” da organização. As defesas que tiverem melhor resultado são as mais fáceis de se executar. Claro que no caso do Kombat, não fazemos os testes com 10 pessoas, mas centenas, usando até batalhões das forças armadas para isso, e testamos dezenas de vezes. Por isso sabemos que têm defesas que nunca funcionam e outras que funcionam boa parte das vezes, mas nenhuma funciona 100% do tempo. Depois pegamos a mais provável de ter sucesso, e aperfeiçoamos para as nossas necessidades, e retornamos aos testes. Isso leva um ano. Depois deste período, vai para o nosso “Sílabus” que é o currículo de técnicas. O mesmo se procede com ataques, métodos de treinamento. É testar, examinar, avaliar. Nunca oferecemos nada ao aluno que não podemos provar que seja a melhor opção.

A triagem das técnicas é um grande diferencial do Kombat. Normalmente as artes marciais se baseiam em experiência de uma pessoa ou um grupo restrito de pessoas, que geralmente são atletas. Nós testamos com militares, que é um grupo, mas também com mulheres, crianças, pessoas com deficiências físicas diversas e pessoas de idade em academias. Em suma, o que quero dizer é: se um lutador profissional consegue chutar e nocautear a maioria dos seus adversários, isso não significa que seus alunos vão conseguir fazer o mesmo. Se ele tiver alunos de 70 anos, com certeza não conseguirão. O Kombat é direcionado para o “Mínimo Denominador Comum”, ou seja, para a maior parte das pessoas - nas primei-

ras três graduações, e depois evolui para técnicas específicas para cada grupo. Um fato que deve ser lembrado, por exemplo, é que não são apenas as técnicas físicas, chutes e socos e projeções que são levadas em consideração, mas o respeito às regras básicas do Kombat, que são os nossos axiomas baseados em situações de rua, que nada mais é do que bom senso. Exemplo: IVAN (Inimigo de maior Volume Armado ou Número). Em competições um atleta luta, geralmente contra um único adversário, do mesmo peso físico, e desarmado. Nas ruas é o oposto: É geralmente um inimigo maior que você (note bem, inimigo e não adversário), de maior volume (mais alto e ou mais forte), e em maior número. Por isso, muitas técnicas nem precisam ser testadas - se a técnica me obriga, por exemplo, a funcionar apenas contra uma pessoa, não serve para o nosso caso.

Muitas vezes a solução não é um golpe, mas sim a percepção do problema. Em 2006, uma mulher foi morta, dividida em pedaços e jogada em sacos de lixo por um psicopata no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. A solução não é uma resposta física, mas simplesmente observar toda a história desde o início. Lendo todos os jornais em papel e internet, foi visto que ela havia discutido com o rapaz antes. Uma regra simples é: “Não discuta com quem não conhece”. E uma segunda seria: “nunca fique sozinha em um local deserto com uma pessoa que não conhece”. Ou seja, apesar de óbvio, regras de segurança e bom senso são indispensáveis para se chegar vivo a casa. No final de muitas aulas, comentamos crimes de jornal, para obtermos *feedback* dos alunos. Fazemos os Kombatentes pensarem, e não apenas serem máquinas de chutar e socar.

F.M.: Isso significa que, em alguns casos pelo menos, a melhor saída é não lutar?

P.A.: Sim, quase sempre a melhor saída é não lutar, é evitar o conflito. Não deixar de reagir não vai contra o que se treina, pelo menos para quem faz Kombat. Pensar que se deve reagir sempre, é um grande equívoco. Posso exemplificar de outra forma: a maioria das pessoas paga plano de saúde, ou sua empresa provém o plano. Para quê? Para que caso haja um acidente, se possa contar com os recursos deste plano. Isso não significa que as pessoas devem procurar se acidentarem, é claro, mas sim que tem uma solução caso aconteça algo de ruim. A idéia por trás do Kombat é essa: Um plano de saúde. Você paga com seu tempo e suor, e espera nunca precisar usar. Mas caso precise, o Kombat estará lá quando for necessário. ➤



F.M.: Pessoas dizem que médicos ganham dinheiro, e ficam ricos, por conta da doença dos outros. O que seria de um mestre de artes marciais se não houvesse violência?

P.A.: Quando se fala em mestre de artes marciais, mesmo artes marciais tradicionais, que não é o caso do Kombato, é bem possível que ele não se alimente da violência, pois muita gente vai lá procurar estas artes por razões diferentes. Eu descobri, há pouco tempo, que existem lutas nas quais se pega a faixa preta, mas não é necessário lutar. Para mim isso é uma grande surpresa, pois não consigo imaginar um nadador que não nada ou coisa assim; mas as pessoas têm visões diferentes do que seja uma arte marcial - algumas acham que é apenas uma atividade física, outras, filosofia e de certa forma um tipo de religião. Mas como eu já comentei aqui, e repito, Kombato não é uma arte marcial, e muito menos esporte. De fato, nem ao menos parece com uma arte, não possui nenhum elemento artístico, somente técnico. O que a aproxima cada vez mais de ciência. O Kombato é um Sistema de organização para sobrevivência. Quando está chovendo, o que as pessoas procuram? Guarda-chuva. Logo os vendedores e fabricantes de guarda-chuva se alimentam da chuva. Talvez até torçam por ela. No nosso caso, é claro que o aumento da violência aumenta a quantidade de alunos. E não é pouco. Como surgem diariamente manchetes de jornais sobre situações para as quais os praticantes de Kombato teriam uma pronta resposta. É claro que o número tem que aumentar. Mas ao contrário do que se pode pensar, não a desejamos - porque nossas famílias também podem ser vítimas desta violência.

F.M.: Quantas artes marciais você praticou antes de fazer o Kombato?

P.A.: Artes marciais foram seis, um sistema de defesa pessoal e mais um tipo de luta esportiva. Aí comecei a desenvolver o Kombato e para isso tive que estudar várias outras até nível satisfatório para poder ensinar, e fiz muitos cursos relacionados a segurança, armas de fogo, tiro prático etc. Eu sou uma pessoa muito informada e li diversos livros relacionados a segurança, artes marciais, lutas etc. Mas desenvolvi o raciocínio inédito do Kombato, pelo menos no Brasil, por tentativa e erro. Quebrei todos os dedos da mão, por exemplo, e tenho cicatrizes devido ao treinamento com facas reais.

F.M.: Quantos anos você demorou para fazer o Kombato?

P.A.: O Kombato, como qualquer tecnologia,

está sempre evoluindo. Nunca paramos e nunca pararemos de desenvolver, de melhorar. Kombato é uma técnica, uma técnica é tecnologia, ela simplesmente avança. Hoje em dia temos televisões coloridas em casa, com TV a cabo. No passado tivemos televisões preto-e-branco, e no futuro teremos algum modelo de televisão (ou algo parecido) muito mais avançado. Da mesma forma as armas de fogo. Não usamos mais garruchas, e sim pistolas que funcionam nas mais adversas condições. Defesa pessoal não pode ser pensada em termos antigos, porém em termos modernos, para os dias de hoje. Este é o pensamento da organização que eu lidero.

F.M.: Aceitar treinar mulheres, crianças e idosos é mesmo algo sério ou é só uma forma de ganhar dinheiro fácil?

P.A.: De forma alguma. Mulheres, crianças, idosos, deficientes físicos precisam muito mais de defesa pessoal do que um homem de 2 metros e 120 quilos de músculos. O que não concordo, com muita propriedade, é que ensinam sempre o mesmo currículo de técnicas e filosofia para todos. Desde o básico, tudo tem que ser diferente. Uma mulher dificilmente conseguirá dar um soco reto e direto sem machucar os dedos e o pulso; aliás, muitos homens também não, pois estão acostumados a usar ataduras e luvas. Qualquer ortopedista pode lhe dizer o que é uma "fratura de boxer" que é causada por um soco feito da forma tradicional, como fazem em esportes, só que sem proteção. Mulheres e crianças então, pela sua estrutura mais frágil, jamais poderiam tentar socar desta forma. Tive um aluna que tinha uma enorme prática em artes marciais, segundo dan de uma arte marcial, 3 anos treinando um sistema de defesa pessoal, meses de uma luta de chão, e alguns meses em outras artes. Só que ela tinha 1,49m de altura e cerca de 40kg. Ela não tinha realmente como ser efetiva. Por outro lado, como era cirurgiã, e sendo assim, não apenas não teria medo de cortar ninguém, sendo mulher e pequena, como também só estaria usando a arma em situação de legítima defesa. A maioria dos seus inimigos seriam maiores, mais fortes e mais pesados. Com esses dados nas mãos, criei um currículo especial para ela de segurança, com herada (saque de faca) e utilização de faca (Kali Silat). Este é um exemplo dentre dezenas que temos. Um currículo para crianças de menos de 10 anos está sendo desenvolvido, junto a pedagogas e psicólogas. O objetivo do Kombato é servir ao cidadão, e não ao contrário. Não é o cidadão que deve se

moldar a forma do Kombato, mas sim o Kombato é que deve ser moldado ao cidadão.

F.M.: A obsessão por conquistar uma faixa preta pode ser ruim para um aluno?

P.A.: Péssimo. As pessoas deveriam procurar por conhecimento e não por faixas. O Brasil é um país muito grande, e as pessoas têm visões completamente diferentes do que é uma faixa-preta. Em algumas cidades, as artes marciais que têm maior contingente são as que dão ao aluno faixas em dois anos no máximo. O que é muito pouco. Em outras cidades dão mais valor ao conhecimento, e nestes ambientes, artes que dão a faixa preta rápido não têm valor. Esta diferença mostra como mesmo vivendo em um mesmo país, as pessoas têm visões completamente diferentes do que é uma faixa preta; o que ela representa. O que é importante é o aluno olhar para si mesmo no espelho e saber se está preparado ou não para enfrentar a selva de violência fora de casa. Isso é o que conta de verdade. No Kombato, os exames são bem difíceis porque simulam situações reais.

F.M.: Como podemos garantir que não vamos ver Kombatentes usando as técnicas para objetivos excusos?

P.A.: Garantia mesmo não podemos ter. Nada é 100%, mas logo que o aluno entra, ele passa por uma *Anamnese* feita por seu instrutor. Também costumamos verificar se ele está envolvido em algum processo legal. Claro que, com a quantidade de alunos que já treinamos, já tivemos pessoas com problemas. Nenhum teste destes é perfeito, mas foram convidados a se retirar do treinamento todos aqueles que manifestaram problemas de relacionamento, agressividade gratuita, preconceito, falhas de caráter etc. A nossa lista de expulsões deve ser de umas 30 pessoas, o que é muito pouco comparado a grande quantidade de pessoas que já treinamos, sendo que nossos grandes números naturalmente são engordados por unidades militares. Só no batalhão Humaitá são 800 pessoas por ano. No Riachuelo, 500.

Uma chave de fenda é um instrumento, mas também pode ser utilizada para matar; da mesma forma o Kombato, ou algumas artes marciais. Por esta razão, fazemos tudo para avaliar os alunos. O que está em jogo não é apenas o nome da minha organização, mas o bem-estar de todos os demais alunos.

F.M.: Por que os orientais viraram uma espécie de sinônimo de artes marciais?



Paulo Albuquerque e equipe de instrutores Kombatentes

P.A.: Os orientais não são nem melhores, nem piores do que ninguém em termos de artes marciais. Em praticamente todos os países do mundo existem artes marciais nativas do lugar. A diferença é que os orientais foram, durante décadas, os mais organizados, que criaram as instituições mais fortes, principalmente os japoneses e os coreanos. O cinema oriental ajudou bastante também a divulgação. Neste caso, principalmente os chineses praticamente criaram os filmes de artes marciais, e ainda hoje têm a hegemonia neste item. Já no caso de segurança, dificilmente você lembraria de um país oriental, porque lá tem menos chance de risco do que, por exemplo, a África do sul e a Colômbia. Desta forma, países com mais risco desenvolveram melhores opções contra a violência. Nos dois enfoques, o Kombato está bem, porque nas competições de "Vale-Tudo" - que é atualmente o mais próximo possível de uma briga de rua - os brasileiros são de longe os melhores. Existem alguns americanos vencendo, pouquíssimos orientais, e alguns eslavos, porém dezenas de "feras" brasileiras literalmente "atropelando" os estrangeiros. O Rio de Janeiro, que é o berço do Kombato, é uma das 50 cidades mais hostis do mundo, de acordo com a revista Época. A combinação da necessidade de segurança com os melhores lutadores é um ambiente propício para surgir uma opção diferente do usual.

F.M.: Ao tentar ser um monte de coisas, o Kombato não corre o risco de acabar sendo uma confusão de técnicas e estratégias completamente desencontradas?

P.A.: A resposta é simples. Não existe confusão. Quando você vai a uma farmácia, compra o remédio certo para você. Não existe remédio que

sirva para todos os males. Para cada problema há uma solução. O treinamento que damos para os fuzileiros navais não parece em nada com o treinamento dado para o metrô de São Paulo, ou com o treinamento de civis. Necessidades diferentes, objetivos diferentes.

F.M.: As artes marciais, para se tornarem marcantes, precisam sobreviver aos seus criadores. Que medidas você toma para que o Kombato sobreviva?

P.A.: O objetivo da minha organização é ter uma tradição de modernidade, de avançar. Não cristalizamos as técnicas. Está tudo sempre em movimento. Quando eu morrer, meus alunos mais graduados sabem perfeitamente como fazer o Kombato continuar avançando. Sou o pioneiro, o fundador, mas não quero, de forma alguma, que apenas me copiem - quero que avancem, que desenvolvam. O Kombato é uma organização com "benchmark".

F.M.: Qual o diferencial de uma aula de Kombato?

P.A.: Bem, primeiramente, no máximo 25% de cada aula é dedicada à parte física, que por si só já é diferente das demais. Não enfocamos trabalho de resistência, mas sim de explosão muscular e força. Atualmente incluímos o treinamento com "kettlebells" (ou no nome original russo, "Girya"), que é um treinamento utilizado por forças especiais da antiga União Soviética, e atletas de Vale-Tudo do Leste Europeu, como o Fedor Emilienko. Atualmente, no Brasil, somos os únicos que fazemos este tipo de treinamento. Depois as aulas são separadas em pequenos grupos, para terem trabalho diferenciado. E no final de quase todas as aulas, tem a parte teórica que abrange a

parte de segurança, e estudo sobre situações reais ocorridas às vezes na mesma semana. Não focamos as aulas em alunos esportistas, para competir, porque simplesmente não temos competição. Todos os alunos são especiais. Todos merecem e precisam se defender.

F.M.: Qual é a grande qualidade do Kombato?

P.A.: Outra resposta simples para mim. Que pode ser definida em duas palavras: sobreviver e proteger.

F.M.: Os filmes de artes marciais em geral moldam as expectativas das pessoas a respeito do que uma arte marcial é capaz. Qual é a coisa que mais o irrita quando vê uma cena de luta em um filme?

P.A.: A grande maioria dos filmes cria situações absolutamente inverossímeis. Uma pessoa lutar contra 20 e 30 e sair vitoriosa, por exemplo, ou o herói receber até mesmo vários chutes no rosto, e não apenas continuar em pé e lutando, como nem um só hematoma ou sangue aparecer. Algumas cenas são verdadeiramente ridículas.

F.M.: No primeiro ano de treinamento, o que um aluno de Kombato pode esperar?

P.A.: A primeira coisa que vai mudar no praticante de kombato é a sua atitude diante da realidade. Já sabe avaliar os riscos e minimizá-los. O número de técnicas não é um indicativo perfeito, lhe garanto. É muito melhor saber poucas técnicas bem do que muitas técnicas mal. Depois de um ano de treinamento ele já sabe se safar bem de quase todas as situações comuns de rua, quando a agressão é contra ele. Menos defesas com armas. Com três anos já é eficiente contra armas, e já sabe proteger outras pessoas. ■